

O texto a seguir resulta da seleção de trechos do vol. 1 ("Percepções da Diferença") da coleção "Percepções da Diferença: negros e brancos na escola", destinada a professores da educação infantil e do ensino fundamental, "com o intuito de discutir de maneira direta e com profundidade alguns temas que constituem verdadeiros dilemas para professores diante de discriminações sofridas por crianças negras de diferentes idades em seu cotidiano nas escolas". De linguagem acessível adequa-se a classes do nível médio, especialmente as de formação de professores. É também um bom começo para discussões em centros de estudos de professores.

Percepções da Diferença

Gislene A. dos Santos

Tratar o tema "diversidade e diferença" é um desafio para todo educador.

Mais que uma apropriação teórica, trabalhar em sala de aula de modo a colocar em movimento idéias e práticas que estimulem a aproximação entre os diferentes requer dedicação e empenho.

Do ponto de vista legal, há diretrizes que orientam para o tratamento de temas como diversidade étnica e racial, cultural, sexual. Do ponto de vista pedagógico, cada vez mais se intensificam propostas para uma educação inclusiva.

Para além de todas as diretrizes pedagógicas, lidar com as diferenças também implica uma predisposição interna para repensarmos nossos valores e possíveis preconceitos, e refletirmos (...) sobre diferentes grupos estigmatizados em função de raça, cor, sexo, aparência, religião.

Na vida cotidiana, quando queremos nos destacar de alguma forma, valorizamos aquilo que temos de diferente dos outros: a roupa, o estilo, o cabelo, o comportamento...

A valorização da diferença, em nossos dias, é aceita como natural na medida em que acreditamos que cada indivíduo é diferente do outro. Isto nos faz autênticos, porque nos faz únicos. Ser autêntico é considerado um valor a ser preservado.

Contudo, essa diferença, naturalizada, só é considerada positiva quando associada a algo que a sociedade e a cultura, de maneira geral, também consideram positivo.

A diferença em si mesma não é boa nem ruim. Depende do que está associado a ela para que ganhe estas designações.

De fato, a identidade de todos nós depende da diferença.

Ao longo de toda a vida nos é ensinado e mostrado que a identidade é marcada pela diferença entre nós e os outros. Sabemos quem somos e construímos nossa imagem com base na relação direta com aquilo que é diferente de nós, ou seja, aquilo que não somos. A relação com o outro é chamada alteridade. A identidade não existe sem a alteridade. O eu não existe sem o outro.

Percebe-se que diferenciar não é só algo natural, como também essencial para a construção de nossa identidade.

A identidade não é dada de uma vez. Enquanto estamos vivos, recolhemos na sociedade, na cultura, fontes com as quais poderemos ou não nos identificar. Ao longo da vida desenvolvemos o processo de identificação.

É fundamental perceber que o processo de identificação implica que estejamos abertos a nos relacionar com aquilo que é diferente de nós; a dialogar com as diferenças, pois é a partir deste diálogo que incorporamos novos conteúdos a nós mesmos, abandonamos antigos, nos transformamos.

A construção da identidade e da diferença é apoiada por várias práticas e comportamentos da família, da sociedade, da cultura que representam os valores que essa família, essa sociedade e essa cultura consideram melhores e com os quais gostariam que nos identificássemos.

Toda sociedade estabelece para si modelos do que é considerado belo, bom, justo e do que deverá ser incorporado, reproduzido por seus membros de modo a manter a ordem e a unidade dela própria. O mesmo fazem as famílias e as instituições. Nenhuma sociedade pode sobreviver sem que esses valores sejam estabelecidos, incorporados e produzidos por seus cidadãos. Eles são inventados pelos humanos, podem existir por muitos anos ou não, mas é importante saber que, como toda criação humana, esses valores não

são eternos, não foram dados por deuses e são relativos a cada época, podendo ser alterados ou abandonados.

Essa diferenciação (que é normal e imprescindível para a construção de nossa identidade) se torna um problema quando é associada a formas de hierarquização, discriminação², exclusão, segregação, eliminação daqueles que são considerados diferentes ou não correspondem aos valores configurados como belos e bons.

Discriminar é separar em categorias. Se crio a categoria cor, discrimino o azul do amarelo, do roxo, do preto, do cor-de-rosa. Se crio a categoria som, discrimino os sons altos dos sons baixos, dos agudos dos graves. Se crio a categoria flor, discrimino as rosas das margaridas, das orquídeas, das petúnias...

A discriminação também deixa de ser somente um ato de separação que visa organizar algo dentro de categorias inventadas pelos humanos quando é apoiada em valores por meio dos quais são estabelecidas hierarquias.

Por exemplo: Crio a categoria altura e discrimino considerando que quem é mais alto é mais atraente do que quem é baixo. Crio a categoria sexo e discrimino o sexo masculino do feminino, afirmando que os homens são mais capazes que as mulheres. Crio a categoria "raça" e discrimino brancos, negros, amarelos, indígenas, enfatizando que os brancos são superiores a todas as demais "raças".

Discriminar também é uma forma de ultraje feito àqueles aos quais separamos e atribuímos valores negativos dentro das categorias que criamos. Neste caso, quando dou um tratamento ruim, humilhante e desigual a alguém por ser baixo, por ser mulher, por ser negro, [por ser homossexual, por ser "deficiente" físico ou mental, por pertencer a esta ou aquela religião]³, eu o estou discriminando.

Diferenciar é essencial para a formação da identidade humana.

O que faz toda a diferença é quando associamos diferenciações a valores e hierarquias que são ponto de partida para o exercício do poder e da dominação. E quando oferecemos tratamento diferenciado a alguém em função das categorias que criamos e dos valores que atribuímos àqueles que inserimos nestas categorias.

(...) o ato de diferenciar e de perceber diferenças pode ser transformado em algo cruel, ruim, fonte de dor e alicerce de práticas violentas.

O papel do professor é fundamental tanto para impedir que o processo de diferenciação se torne um processo de discriminação e segregação no espaço da escola (...) de modo a não permitir que ser diferente seja tomado como ser inferior.

Quando agimos de maneira preconceituosa, nos negamos a experiências novas, nos negamos a dialogar com aquilo que é diferente de nós. É como se nos fechássemos em um mundo e nos recusássemos a crescer.

Por isso estamos falando em diversidade e diferenças com a esperança de que possamos desenvolver o gosto por todos os tons que compõem o mundo.

¹Realização: Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos Interdisciplinares sobre Negro Brasileiro (NEINB) da Universidade de São Paulo (USP). Coordenação: Gislene A. dos Santos. 2007. Apoio Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), Programa UNIAFRO. Todos os 10 volumes da coleção estão disponíveis para download na biblioteca do Medh em Rede. Trata-se importante auxiliar para a discussão da temática.

²Negrito nosso

³Acrescimento nosso

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

"O mundo não é, o mundo está sendo."

Nós, educadoras e educadores em/para os Direitos Humanos temos profunda convicção de que, justamente por "estar sendo", o mundo (a realidade, a vida) pode ser melhor, mais justo, mais humano, mais feliz.

"Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda."

"Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo."

Nós, educadoras e educadores em/para os Direitos Humanos não temos dúvidas quanto à importância da educação para a transformação porque acreditamos, acima de tudo, na possibilidade de transformação das pessoas, de nós mesmas/os - também estamos sendo.

"Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança."

Somos muitos. Somos diferentes. Construímos cidadania. Além deste elo que nos une, partilhamos a alegria e a esperança que nos fortalecem.

O DDHH na Sala de Aula, porta-voz de todos os/as educadores/as em/para os Direitos Humanos dedica, suas atividades, indicações bibliográficas, texto para refletir, deste número, ao enfrentamento vigoroso da discriminação e o do preconceito que transformam diferenças em inferioridades, "falando em diferenças com a esperança de que possamos desenvolver o gosto por todos os tons que compõem o mundo"(Gislene Santos).

As flores - com formas, cores e perfumes tão diferentes - que vão vestir a primavera que está chegando, são um saboroso exemplo. Colhemos algumas para Paulo Freire, aniversariante do mês (dia 19), cujas palavras nos ajudaram a abrir esta edição, e com que partilhamos a "boniteza de ensinar e aprender, na escola, no MEDH, na vida.

A equipe

Datas Significativas

Setembro

16 - Dia Internacional da Paz - data que mira as que a sucedem. Exigências!

21 - Dia Nacional de Luta dos Portadores de Deficiência

23 - Dia Internacional contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Mulheres e Crianças

27 - Dia Internacional do Idoso

"A maneira de ajudar os outros é provar-lhes que eles são capazes de pensar."

(Dom Helder Câmara)



Participe

O boletim de novembro/dezembro será, como nos últimos anos, inteiramente dedicado à publicação de atividades desenvolvidas por nossos/as parceiros/as. Na edição de maio há orientação geral para elaboração/envio do material. Esperamos a participação de todos os núcleos. As colegas da equipe Novamerica responsáveis por cada um deles estão à disposição para orientações específicas e para receber diretamente o material.

